Leia ESCOLA

NELL
Núcleo de Estudos
Lingüísticos e Literários
Centro de Humanidades - UFPB

Campina Grande Ano I nº 1 - 1996

1

EDITORA UNIVERSITÁRIA
UFPB



Leia Escola

CENTRO DE HUMANIDADES

Prof. João Rodrigues do Santos
Diretor

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Profª. Euda de Araújo Cordeiro
Chefe

EDITORIA EXECUTIVA

Prof. Hélder Pinheiro
Coordenador do LAERLE

Prof. Luiz Francisco Dias
Coordenador do NELL

CORRESPONDÊNCIA

Revista LEIA ESCOLA
Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários - NELL
Universidade Federal da Paraíba
Campus II
Rua Aprígio Veloso, 882 - Bodocongó
Campina Grande - PB
CEP: 58.109-970

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

LIAA - Laboratório de Informática Aplicada às Artes
Departamento de Artes - CH - UFPb - Campus II

APRESENTAÇÃO

Se observarmos nossa vida estudantil e acadêmica veremos que muitos trabalhos, muitas produções de valor nasceram de uma intuição, de uma percepção ou de uma discussão de sala de aula. Esta constatação pode nos abrir algumas portas no sentido de buscarmos uma pedagogia que transforme a sala de aula numa oficina de criação e recriação do saber. Noutras palavras, a sala de aula de ensino superior carece cada vez mais de suscitar e aproveitar as intuições e os trabalhos de nossos aluños. Ao percebermos que determinado aluno teve uma intuição, por que não incentivá-lo a refletir e estudar aquela percepção? Ao descobrirmos no trabalho de um aluno (seminário, monografia, prova escrita, etc) aspectos que poderão ser ampliados, por que não incentivá-lo, oferecer bibliografia adequada, sugerir que objetive suas intuições através da escrita? É evidente que nem sempre tivemos, objetivamente, grandes produções. No entanto, mesmo que alguns trabalhos não cheguem a termo, o processo, a experimentação já valeu a pena.

Alguns dos artigos que compõem esta Revista nasceram do espaço escolar. Uma prova, um seminário, com alguns cortes, ampliações, mudança de forma, resultaram num pequeno artigo. Há que compreender os limites da empreitada, mas, sobretudo, valorizar o que há de virtual no procedimento adotado. É um primeiro passo – para nós e para nossos alunos.

Esta a proposta da revista LEIA ESCOLA: publicar pequenos artigos de alunos e professores; reaproveitar trabalhos desenvolvidos em sala de aula, nascidos do cotidiano escolar.

O primeiro número de LEIA ESCOLA foi dedicado à Literatura Infantil. Nosso desejo é que os professores do Departamento de Letras organizem outros números reaproveitando também o que surge de fecundo no rico espaço da sala de aula.

Prof. Hélder Pinheiro
Editor Responsável

SUMÁRIO

A CURIOSIDADE PREMIADA - UMA LEITURA INFERENCIAL 1
Albanita Guerra Araújo

ARTE/CIÊNCIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO A PARTIR DE "O MENINO MAIS BONITO DO MUNDO" 7
Maria de Lourdes Leandro Almeida

A NOVA MAGIA 11
Luiz Francisco Dias

A LINGUAGEM POÉTICA DE LYGIA BOJUNGA NUNES 17
Ana Lúcia Maria de Souza

GIRASSOL OU GIRALUA? 23
Ana Paula de Brito e Maria Rejane A. Tito

ROTEIRO DE AULA 27
José Hélder Pinheiro Alves

CONSTRUINDO A ALEGRIA DE LER 31
José Hélder Pinheiro Alves

PRÊMIOS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL (FNLIJ) 35
Vânia Maria Resende

RESENHA 37
Janaína Guedes Milanez

A CURIOSIDADE PREMIADA: UMA LEITURA INFERENCIAL

*Albanita Guerra Araújo**

O projeto O PRAZER DE LER foi desenvolvido com vários objetivos: classificação de artigos de jornais, catalogação e organização de propostas de leitura a partir dos livros infanto-juvenis constantes do acervo do LAERLE e editoração de um livro coletivo.

As razões que nos levaram a organizar propostas de leitura foram resultantes da nossa prática docente em cursos de graduação, extensão e especialização. Trabalhando com a Literatura infantil, conhecemos de perto as dificuldades enfrentadas pelas professoras da primeira fase do 1º grau, na sua rotina diária com relação à leitura e produção de textos das crianças.

Por este motivo, organizamos diversas propostas de leitura para serem utilizadas em estabelecimentos de ensino da rede pública e/ou privada, com o objetivo de melhorar o desempenho dos alunos nesta área. Uma das propostas de leitura desenvolvidas refere-se ao livro A CURIOSIDADE PREMIADA de Fernanda Lopes de Almeida, com ilustrações de Alcyr Linhares, editora Ática, Coleção Passa Anel, 1986. Esta obra da literatura infantil é constituída de textos verbais e não-verbais, distribuídos em trinta e duas páginas, bastante coloridas, com predominância de textos não-verbais. Os textos verbais são curtos, ocupando apenas noventa e cinco linhas, com uma característica: as informações não são repetidas nos textos não-verbais. A ilustradora utiliza em abundância elementos das histórias em quadrinhos como: balões, onomatopéias e meios expressivos gráficos. Além destes elementos, as cores são elementos fundamentais para a leitura e compreensão do texto. Há necessidade de conhecimento prévio das histórias em quadrinhos, a fim de se compreender bem a história. São encontrados vários tipos de balões: duplo, berro, fala, dúvida, onomatopaico, pensamento e uníssono. Todos eles possuem contornos e apêndices. Apesar da importância dos textos verbais, observamos que a maior riqueza deste texto encontra-se na linguagem não-verbal, e por este motivo, propusemos uma leitura inferencial dos textos não-verbais.

Os principais personagens são: Glorinha, sua mãe e Dona Domingas, aparecendo também: o pai de Glorinha, a cozinheira, o irmão mais novo, um senhor idoso, Dona Serafina, uma professora, um astrônomo, um jardineiro e um tratador de bichos.

Podemos afirmar que, devido ao seu desempenho na narrativa, as duas personagens mais significativas são Glorinha e Dona Domingas e para maior compreensão, passaremos a descrever algumas:

---

*Professora aposentada da UFPB, uma das fundadoras do LAERLE e atualmente pesquisadora ligada ao Laboratório

a) Glorinha é uma menina bastante curiosa, que atormentava toda a família com perguntas nunca respondidas. Tem aproximadamente cinco ou seis anos de idade. É a típica garota classe média, de feições delicadas, bem simpática e olhos sempre arregalados, característica das pessoas perspicazes. Traja sempre um vestidinho amarelo muito curto, usa calcinha vermelha e, no alto da cabeça, um laço de mesmo tecido do vestido. Em todo o texto, calça sapatos fechados nas cores branco e vermelho, com as meias sempre descuidadas e caídas sobre eles.
b) Dona Domingas, é uma professora aposentada, já velhota, por fora. Veste-se de acordo com a idade, traja um vestido verde longo, de mangas compridas, usa saltos bem altos, o cabelo sempre preso num coque. Possui um cachorro amarelo, também muito alegre, que quando não está a seus pés, lambe as visitas que vão à sua casa. Além disto, mora numa casa bem cuidada, cheia de plantas viçosas, com mobiliário antigo bem conservado. Conserva um retrato do marido bem emoldurado numa das paredes. Já por dentro, é possuidora de uma jovialidade enorme, perceptível pelas ações e pelas respostas que dá às inúmeras visitas que vão a sua casa, a fim de solucionarem os mais variados problemas.
c) A mãe de Glorinha, uma jovem senhora, pertencente à classe média, traja calças compridas, bem penteada, sardenta como a filha, aparentando ser apenas doméstica, bem casada, mãe de outro filho menor e que, de tanto ser atormentada pelas perguntas de Glorinha, resolve pedir conselhos à Dona Domingas.
d) A cozinheira, uma negra de idade madura, de aparência desagradável, mal feita de corpo, bastante gorda, com seios enormes, usa vestido de bolinhas e avental sobre ele, chinelões, turbante prendendo os cabelos, enormes argolas nas orelhas. Além disto, falta-lhe um dente na arcada inferior.

Todos os demais personagens são importantes no contexto da narrativa: o pai, o irmão mais novo, Dona Serafina, os empregados do Jardim Zoológico e do Jardim Botânico, o astrólogo e a professora.

Merece crítica a forma preconceituosa como foi retratada a cozinheira. Poderia ter recebido um tratamento melhor. Desta forma, fica configurado que as domésticas devem ser pessoas pretas, gordas e feias.

É lamentável que num texto tão rico e bem produzido tenha entrado este elemento negativo. No restante, é um excelente texto, que poderá ser trabalhado de uma forma muito didática, inclusive questionando esta parte do preconceito contra a raça negra e a profissão da doméstica.

A princípio, esta proposta foi desenvolvida com as alunas de Clínica de Leitura e Redação I e, em seguida, com as crianças que participaram do Projeto Criança Lendo, que se encontravam fora da escola regular e que, no ano anterior, participaram de um projeto singular, dedicado a elas. Posteriormente, foram as seguintes escolas que a aplicaram:

a) Escola Municipal Aroldo Cruz. Nesta escola, situada no bairro do Catolé, a proposta foi desenvolvida com os alunos de pós-alfabetização, adolescentes muito pobres que trabalham durante todo o dia e estudam à noite. Além disto, só há pouco tempo, estavam tendo contato com a escola. A professora Gilene

Barbosa Pequeno Arruda foi a responsável pelo trabalho, cujo desenvolvimento foi gravado em vídeo e apresentado no 8º Congresso de Leitura, realizado pela Associação de Leitura da UNICAMP, Campinas, São Paulo.
b) Escola Municipal Epitácio Pessoa. Neste estabelecimento, situado no bairro da Liberdade, zona periférica de Campina Grande, a experiência foi desenvolvida pela professora Luzenilda Rodrigues Costa da Silva, que, por ter sido nossa aluna no Curso de Especialização em Alfabetização, utilizou-a como estudo de caso, para ser tema de sua monografia de conclusão de curso, denominada MUDANÇAS EFETUADAS NUMA TURMA DE TERCEIRA SÉRIE A PARTIR DO EMPREGO DA LITERATURA INFANTIL, defendida com brilhantismo. Seus 38 alunos eram oriundos da classe trabalhadora, menos favorecida. Cursavam a terceira série do 1º grau, turno da tarde, e tinham uma vida escolar problemática, já que 50% haviam repetido por uma, duas, três ou quatro vezes a primeira série; 31,58% repetiram a terceira série e apenas 18,42% conseguiram ser aprovados regularmente. Além disto, não tiveram oportunidade de entrar em contato com textos de livros infantis, a não ser os livros didáticos de primeira e segunda séries. E de modo geral, esses textos não eram de boa qualidade, e o que é mais grave: estes livros não correspondiam a nenhum aspecto da realidade das crianças. A partir da vivência desta experiência, houve uma mudança significativa no comportamento destas crianças, tanto como leitoras como produtoras de texto.
c) Escola de primeiro grau O Pequeno Príncipe. Nesta escola, foram desenvolvidas diversas experiências de leitura numa quarta série privilegiada, pois só há apenas sete alunos, pertencentes à classe média, sem problemas na escolaridade. Segundo depoimento da professora Fabíola Cordeiro de Vasconcelos, "estas propostas têm me permitido oferecer aos meus alunos momentos de leitura e de produção textual mais ricos e aprazíveis".
d) Serviço Social do Comércio. Nesta escola, é desenvolvido um programa de aulas de reforço para as crianças que apresentam dificuldades na escolaridade. A responsável pela aplicação da proposta na turma foi a aluna do Curso de Pedagogia Maria Salomé Pereira, que além de ser a professora da turma, foi bolsista do Projeto O Prazer de Ler, durante a primeira fase da aplicação do referido projeto.
e) Escola de Primeiro Grau Regina Coeli. Nesta escola da rede particular de ensino, esta experiência foi desenvolvida em duas séries: terceira e quarta e, em ambas, o desenvolvimento das crianças surpreendeu as professoras regentes das classes.

Metodologia

Por se tratar de uma proposta ambiciosa, que envolve muita leitura e produção de textos, o tempo de aplicação variou de uma semana até um bimestre, dependendo do nível da turma.

As atividades desenvolvidas a partir da leitura inferencial da obra A CURIOSIDADE PREMIADA envolveram uma abordagem rica, pela diversidade

de textos produzidos pelos alunos. Inicialmente, foi feita pela professora a leitura do texto verbal e a cada dia, eram apresentadas as seguintes propostas:

1. Imagine o que consta dentro da bolsa deste senhor (página 1);
2. Imagine as comidas que esta cozinheira faz no dia de domingo. Liste-as e, em seguida, escolha uma e escreva a receita;
3. Faça a listagem das receitas criadas na sala de aula por seus colegas;
4. Imagine o que há dentro da bolsa de Dona Serafina;
5. Imagine a conversa que a mãe de Glorinha está tendo e desenvolva um diálogo entre as duas personagens, contendo cinco mudanças de turno;
6. Pelo visto, o pai de Glorinha tinha acabado de ler o jornal. Quais as notícias que o deixaram neste estado? Liste cinco manchetes verdadeiras;
7. Imagine a resposta que a professora deu a Glorinha quando esta perguntou "Por quê?"
8. Imagine o que Dona Domingas pensa enquanto põe água nas plantas. escreva um monólogo.
9. Imagine cinco perguntas inteligentes das duzentas que Glorinha fez enquanto sua mãe costurava.
10. Imagine três perguntas feitas ao jardineiro por Glorinha. Liste-as, com as respectivas respostas.
11. Imagine três perguntas feitas pela família de Glorinha ao astrólogo com as respectivas respostas.
12. Imagine três descobertas de Glorinha com relação à cozinha.
13. Imagine o diálogo entre Glorinha e seu irmão menor, após a viagem à zona rural.
14. Imagine um diálogo entre Fernanda Lopes de Almeida e você, a respeito deste livro. Use cinco mudanças de turno.

Houve uma gradação de dificuldades na produção dos textos, o que levou as crianças a melhorarem seu nível de leitura e produção de textos. As produções foram divididas em sete modalidades: listagem, diálogo, monólogo, manchetes, questionários, descrições e narrações.

Com estas atividades, foi possível aproximar os alunos da realidade, fazendo com que produzissem textos diversificados, de níveis diferentes, com a tentativa de caracterizar a linguagem de cada personagem de acordo com a faixa etária, a classe social, escolaridade e outros aspectos perceptíveis de acordo com as informações trazidas, especialmente, pelos textos não-verbais.

A realização destas atividades trouxe muito entusiasmo para os participantes, que puderam dar versões mais diversas, dependendo do grau de inferência sobre o assunto. Diariamente, apenas uma atividade era desenvolvida a fim de permitir que o grande grupo conhecesse as produções dos colegas. Além disto, a proposta sugeria também outras leituras para complementar as informações, o que era feito de bom gosto, pois esta nova leitura tinha um objetivo definido e, ao mesmo tempo, se constituía num campo de plena liberdade para o leitor e produtor de textos. Foi muito interessante também a produção significativa, já que todos os textos eram ligados à experiência de vida de cada um. Foi aproveitada toda a bagagem cultural dos alunos e, comparando-se os resultados puderam-se perceber as mudanças de formas de ver o mundo,

de acordo com classe social de cada grupo. Esta experiência, sem sombra de dúvidas, estimulou o hábito da leitura dos alunos e das professoras e comprovou que é fundamental para o professor levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos, pois só assim, segundo Kleiman (1988), o leitor consegue construir o sentido do texto, mediante a interação dos diversos níveis de conhecimento do mundo.

Transcreveremos a seguir algumas passagens da experiência no Grupo Escola Aroldo Cruz, relatadas pela professora Gilene Barbosa:

"No primeiro dia, o trabalho foi muito bom. Os alunos ouviam a leitura do texto e davam opiniões sobre o mesmo, comparavam com as suas próprias experiências em casa. Disseram que muita gente é assim como Glorinha e eu perguntei:

- Assim como?
- Professora, muitas vezes, quando eu pergunto as coisas lá em casa, mãe fica entupida.

Outro disse assim:

- Pois lá em casa a gente nem pode falar, quanto mais perguntar.
- Por quê?
- Porque meu pai diz que falar tá perdendo tempo e que tempo é ouro, tem que aproveitar o tempo pra trabalhar e não pra ficar jogando conversa fora.

E assim foi o primeiro dia, antes de realizar a atividade proposta, pedi que os alunos dissessem o que havia dentro da minha bolsa e foi o maior barato quando abri a minha bolsa pra mostrar o que havia realmente e eles gostaram muito. Em seguida, parti para a atividade do dia, realizada conforme a sugestão apresentada pela professora Albanita. Neste dia, os alunos aprenderam a fazer uma listagem e, no momento da apresentação das produções fiquei encantada com o resultado, pois não esperava, eu achava que o resultado seria bem diferente. à medida que os grupos apresentavam as produções, diziam a profissão do senhor e estas foram: advogado, traficante (perguntei se era profissão), vendedor de jóias, deputado, bancário, representante de livros, juiz. Discutimos sobre cada profissão e os alunos questionaram bastante a importância do estudo para uma realização profissional.

No terceiro dia, os alunos desenvolveram a atividade com mais facilidade. A experiência era sobre comidas que uma cozinheira faz no dia de domingo. Apresentaram os trabalhos, descreveram os cardápios e depois fizeram a comparação com a realidade deles, todos com uma situação financeira muito baixa. Chegaram à conclusão de que tinham exagerado na relação das comidas e que, para ter um almoço como o que eles descreveram, precisariam ser um Itamar Franco. Disseram que no dia de Domingo, na casa deles, a comida ara igual a dos outros dias: feijão, arroz de água e sal e carne de charque e que isto era para ser feliz, e a sobremesa, quando tinha era rapadura e água do pote, porque nem filtro tinha. Conversamos muito sobre a situação atual do Brasil e os alunos enfatizavam as injustiças sociais, a falta de emprego, a inflação, a corrupção dos maiorais, até o caso de PC Farias saiu. Lembraram também do ladrão Collor de Mello. Os alunos mostravam-se revoltados, disseram que só vale quem tem dinheiro e que muitos trabalhavam e não tinham quase o que comer."

Durante toda a experiência, houve um verdadeiro exercício de cidadania independente da classe social que a trabalhou. Todas as questões levavam para a realidade deles e possibilitou que os alunos dissessem sua palavra. Houve, por outro lado, um evidente crescimento tanto a nível de respostas, quanto a de tipologia textual. Os trabalhos passaram por um processo gradativo de dificuldades, e como estas iam sendo trabalhadas à medida que se faziam necessárias, foi possível mensurar os avanços. Foi muito importante também verificar as diferentes respostas criadas pelos alunos para as diversas situações do livro e nestas, constatamos que as inferências têm um papel predominante na decodificação e compreensão dos textos e que, quanto mais aproximarmos as tarefas da realidade dos alunos, mais eles surpreendem com respostas coerentes e coesas, o que não é facilmente observável quando se trabalham as questões óbvias dos livros didáticos. Em cada local, as respostas foram diferentes, mas todas elas retratam um pouco da vida de cada um, e por este motivo, experiências deste tipo merecem ser repetidas, pois fazem crescer, tanto o professor quanto os alunos.

ARTE/CIÊNCIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO A PARTIR DE "O MENINO MAIS BONITO DO MUNDO"

*Maria de Lourdes Leandro Almeida**

Essa proposta de leitura/produção de texto oirginou-se de uma preocupação de professoras envolvidas num trabalho de aperfeiçoamento de sua prática, desenvolvido numa escola pública da cidade de Campina Grande - o grupo escolar municipal Monsenhor Sales. Mantendo contato com o mundo fantástico do livro de literatura infantil, as professoras questionavam-se acerca das limitações que tinham para realizar a leitura do texto não-verbal (as ilustrações) e sua relação com o verbal. Nessa ocasião, sugeriram que se trabalhasse a obra O MENINO MAIS BONITO DO MUNDO*, de Ziraldo. Poema que se impõe pela obra de arte que é.

Aproveitando a oportunidade, resolvemos desenvolver não só a leitura do não-verbal mas também um trabalho sistematizado em uma unidade de ensino que demonstrasse a relação entre textos de natureza diversa. Em função disso, essa proposta foi orientada pelos seguintes objetivos:

a) Vivenciar uma unidade de leitura e produção de textos que se mostrasse preocupada com uma sistematização quanto ao tratamento de um tema;

b) Desenvolver a leitura de textos de linguagem não-verbal da obra de Literatura Infantil como alternativa para se trabalhar a compreensão do leitor;

c) Desenvolver uma leitura intertextual que enriquecesse as informações do leitor, ao lhe dar subsídios para uma compreensão mais abrangente e consistente acerca do tema;

d) Trabalhar a informação de base científica de forma prazerosa em confronto com a informação de base literária.

A proposta de trabalho em questão tinha como tema TERRA e HOMEM: SUA ORIGEM e se estruturou em quatro etapas, ao longo das quais foram trabalhadas a expressão verbal oral e escrita e a expressão não-verbal, sempre enfatizando a relação/produção, e, nesta, a inter-relação **leitor x texto x autor.**

Etapa 1: A contextualização do tema:

- Realização de relatos espontâneos do grupo acerca de como concebem a criação do mundo.

**Profª da UFPB - CAMPUS II/CH/DL*

Etapa 2: Leitura sob o ponto de vista religioso, envolvendo os seguintes tipos de texto:

2.1. Textos da Bíblia:

- Leitura expressiva, em sala de aula, de duas versões da Bíblia tomando como referência o capítulo do Gênesis.

A medida que componentes do grupo liam os trechos, assumindo a voz do narrador e a voz de Deus, outros componentes iam afixando no quadro de giz peças trabalhadas em cartolinas, correspondentes a cada elemento citado no texto. Por exemplo: TERRA, CÉU, SOL, LUA, MAR, PLANTAS, ANIMAIS, etc.

Ao final da leitura, estava organizado, no quadro, uma montagem da criação do universo, conforme a versão da Bíblia. Em seguida, o grupo discutiu um aspecto importante da compreensão desses textos: as concepções acerca de DEUS, implícitas nessas versões.

2.2 - História em Quadrinhos:

- Ainda sob a perspectiva da versão religiosa, foi lida pelo grupo a história da origem do homem na versão de uma história em quadrinhos, de Maurício de Sousa com o título HOMEM DE BARRO. Após as leituras, houve a análise das diferenças e semelhanças das abordagens sobre o tema em questão.

2.3 - Texto da Literatura infantil:

- Leitura do livro "O Menino mais bonito do mundo" (Ziraldo). Para isso, foram realizadas as seguintes atividades.

a) Leitura silenciosa do texto verbal mimeografado;

b) Construção do texto não-verbal (desenho) de partes da história, conforme as etapas da criação do mundo citadas no original: cada professora produzia seu texto não-verbal para ilustrar aquela parte que lhe havia sido determinada. Em seguida, todos apresentaram seus trabalhos e expuseram.

c) leitura da história no texto original (livro): todos acompanharam a apresentação do mesmo pela professora (embora só houvesse em exemplar na turma, todas do grupo puderam folheá-lo).

d) Enquanto apresentava o texto, o professor e o grupo exploravam as ilustrações criadas, primeiro, por Apoena, criança de 9 anos e, depois, pintura a óleo de Samir Mattar. Discutindo a significação desses textos, procuramos relacionar entre si:

d1. Os textos não verbais contidos na obra: ilustrações criadas por Apoena x ilustrações criadas pelo pintor Samir Mattar;

d2. Os textos não-verbais da obra x os textos não-verbais produzidos pelo grupo;

d3. Os textos não-verbais (os do item b) x o texto escrito.

Assim, procuramos entender a mensagem do poema, o que deu margem a muitas leituras, apresentadas pelo grupo. Discutimos todas e verificamos quais as leituras possíveis, tomando como referência as pistas deixadas no texto.

e) Após o trabalho oral, em que também relacionamos a versão literária com a da Bíblia, foram realizados dois execícios escritos de compreensão do texto, completando, num tratamento progressivo, questões objetivas, inferenciais e avaliativas, numa tentativa de resgastar o real envolvimento do leitor com o texto. Nesse estudo, uma das tarefas sugeridas foi que as professoras escrevessem para o autor (Ziraldo), procurando saber dele por que este não havia colocado a imagem do homem junto à da mulher no final da história e por que ambos não tinham nome. Fica registrado a sugestão para quem se interessar em desenvolver o trabalho. É uma riquíssima oportunidade para se desenvolver a relação leitor/autor.

Etapa 3: Leitura sob o ponto de vista da ciência -

- Leitura de uma reportagem publicada na revista VEJA, "ECOS DO BIG BANG" de 29/04/92. O grupo recebeu um texto-resumo das principais informações dessa reportagem que explicavam numa perspectiva científica, a descoberta da criação do universo.

A reportagem foi vista por todas e trabalhamos o texto, exercitando a construção de um quadro-resumo que identificava, comparando, os fatos da criação do mundo na versão da Bíblia e na versão da ciência.

Etapa 4: A produção de texto:

Concluimos o trabalho, propondo a seguinte atividade:

- Produção de um livro ou de uma história em quadrinhos em que o aluno criasse uma nova versão para a origem do homem e da terra.

BIBLIOGRAFIA:

ZIRALDO. O MENINO MAIS BONITO DO MUNDO. (Ilustrações especiais: óleos de Samir Mattar e desenhos da menina Apoena Horta G. Medina) São Paulo: Melhoramentos, 1989.

A NOVA MAGIA*

Luiz Francisco Dias

Talvez a concepção mais justa que possamos formular da escritora Lygia Bojunga seja a de uma mágica. Mas não a de uma mágica estereotipada, e nisso está a sua grandeza como criadora de histórias para criança, e, mais do que isso, como produtora de boa literatura. Ao invés da magia que nasce e morre entre uma velha cartola e um coelho, ela pratica uma outra magia, que transcende o espaço situado entre o olhar e o movimento das mãos. É uma magia que se situa no espaço entre os signos e um conjunto de valores humanos: valores do homem mesmo, não os da criança na perspectiva do adulto, mas os da **criança homem**, que brinca com os símbolos, enquanto brinquedo (dado que é criança), mas também enquanto signo (dado que é homem).

Em ***A Bolsa Amarela***, Lygia Bojunga capta a fala da criança em sua plenitude. A palavra adquire "vigor" e traduz uma explosiva abertura para a viagem reflexiva no mundo mágico vivido por Raquel, a protagonista da história.

Apresentada como uma criança em desacordo com o mundo, Raquel demonstra uma necessidade de resolver certos conflitos pessoais: a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança, a vontade de ter nascido garoto em vez de menina e a vontade de escrever.

Oprimida pela família, ela, solitária, escreve a amigos imaginários, revelando a eles suas inquietações. Tentando suprir a vontade de escrever, ensaia em casa um pequeno romance. E na escola, empolgada com o tema de uma redação, tenta inventar uma história. Na primeira tentativa foi desestimulada pelas pessoas da família, e na segunda foi castrada pelas normas escolares que limitam o tempo destinado à composição.

Em cada uma dessas atitudes, Raquel promove um questionamento do seu contexto familiar, de forma direta nas cartas aos amigos imaginários e indiretamente no pequeno romance, procurando laços de comunhão entre ela e os personagens do mundo imaginário.

Mas as três vontades (de crescer rapidamente, de ter nascido garoto e de escrever) ficam cada vez maiores e, para ela, pareciam insuportáveis, na medida em que tornavam-se motivos para zombaria. A solução veio a ser uma grande bolsa amarela que lhe restou como presente da tia. Dentro dela, Raquel "depositaria" todas as suas vontades.

Vimos que, à sua maneira, Raquel resiste ao mundo à sua volta recorrendo ao universo da ficção, buscando no imaginário alternativas de ação,

---

* O presente texto foi escrito em 1984, quando eu cursava o último período do Curso de Letras, em Viçosa (MG). Agora, após alguns anos, resolvi submetê-lo à apreciação do Prof. Hélder Pinheiro. Sou-lhe grato pela leitura do texto e pela decisão de inclui-lo neste periódico. Fico feliz se a leitura deste trabalho puder ser proveitosa de alguma forma; que pelo menos ela possa chamar a atenção para a necessidade de conhecermos a obra de Lygia Bojunga Nunes e de outros bons autores da literatura infanto-juvenil.

num mundo em que pudesse ter a liberdade que não desfrutava nem na sua casa e nem na escola.

As respostas não tardaram. Gradativamente, todo um mundo fascinante de magia se desabrocha diante de si, um mundo cujos habitantes vivem com ela aventuras as mais diversas e experimentam novas formas de vida. Mas tudo isso não se fecha em si. Seus personagens sustentam uma simbologia que vai fornecer a Raquel os meios para que ela entenda o seu próprio mundo.

Um desses personagens é o galo Afonso, que foi inventado por Raquel no romance inacabado. Ele foge do galinheiro insatisfeito com a sua condição de rei. Chegando numa noite, ele se aloja na bolsa amarela e passa a repartir com a menina os momentos de descoberta do novo mundo.
Para conhecer o personagem, observemos esse diálogo:

> [Raquel] *"Não. O meu romance acabava no dia que você fugia. Foi até aí que eu inventei você.*
>
> [Afonso] *Pois é. Mas aí eu fiquei inventado e tive que resolver o que é que eu ia fazer da minha vida. Pensei pra burro. Acabei resolvendo que ia lutar pelas minhas idéias.*
>
> [Raquel] *Achei aquilo tão bacana! Na escola, quando a gente lê a vida de Tiradentes e desse pessoal importante, vem sempre essa frase junto: homens que lutaram por suas idéias"* (p. 35).

Agindo assim, Afonso renunciara ao seu papel, aquele determinado pela convenção: "o galo é o rei do galinheiro". E passa a partir de então a defender o direito de livre escolha. Ele simboliza a luta pela liberdade.

Do mesmo galinheiro surge outro personagem: o Terrível. Era parente do Afonso, que, após uma longa separação, reencontra-o, quando retornava da escola com Raquel. É o próprio Afonso quem nos apresenta o personagem:

> *" Era o terrível. Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha. Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E aí começaram a treinar o Terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha de ganhar de todo mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: 'Eu tenho que ganhar de todo mundo', e mais nada."* (p. 53)

Vimos por esse trecho que o Terrível foi objeto de um condicionamento que usurpou-lhe a liberdade de ser sujeito de si mesmo. Ele será o símbolo da opressão.

Por outro lado, a guarda-chuva, outro personagem, exercerá o papel oposto ao do Terrível. Seu surgimento deveu-se a Afonso, que a encontrou quando deixou a bolsa por instantes 'à procura de idéias'. Raquel é presenteada

por Afonso, mas o que a deixou surpresa não foi o ato do amigo galo: foi o presente em si, o mesmo que ela descreveu na redação "O Presente que Queria Ganhar", que entregara incompleta à professora.

O principal traço desse personagem é o seu comportamento "libertino". Quando foi feita, teve a liberdade de escolher o seu tamanho e a sua forma. Mais tarde descobriu toda a pontencialidade de um objeto sofisticado:

> *"... Ela curtiu porque viu que uma coisa não tinha nada a ver com a outra: ela podia muito bem ser grande, e ela podia muito bem continuar brincando. E aí ela achou que a melhor brincadeira do mundo era toda hora passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena tla!!! estalou, enguiçou, não passou pra mais nada"* (p. 50)

Essa recusa na aceitação de um modo de ser definitivo e padronizado é simbolizada no livro seja pela linguagem do personagem guarda-chuva, uma linguagem rebelde aos padrões vocálicos e silábicos da língua: "*...zzztctctctctctc***...*", seja pelo próprio nome do personagem: escrito em minúscula e determinado pelo artigo "**a**", sendo um nome masculino.

Ela simboliza então o livre exercício da liberdade.

Outro importante personagem é o Alfinete de Fralda. Ele foi encontrado por Raquel caído na rua, e logo foi "riscando" na sua mão um pedido:

> *"Me guarda? Já não agüento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: 'pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo'; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim..."* (p. 43)

Aceito o pedido, o Alfinete passa a morar na bolsa amarela, exercendo um controle das vontades de Raquel, quando crescem demais. Essa função de moderador é reveladora quando, em casa de sua tia, Raquel, para se vingar dos insultos da família, sentiu vontade de crescer e de ser um homem. Nesse momento, a bolsa, onde se encontrava as suas vontades, inchou ao extremo, mas foi salva por um pequeno furo do Alfinete.

Após fixar moradia na bolsa, ele deverá atuar como moderador e ativador da consciência e nisto reside toda a sua simbologia.

Frente a isso, Raquel se vê envolvida por uma rede de situações que exigem dela uma intensa atividade reflexiva. Era necessário escrever uma história na qual o Terrível recuperasse a sua liberdade. Além disso, a guarda-chuva estava quebrada e necessitava de um conserto imediato.

Isso levou Raquel a conhecer e mesmo sentir imaginariamente os conflitos vividos em casa sob diferentes pontos de vista, percebendo suas

implicações em cada personagem. Assim deve ser entendido o capítulo "Comecei a pensar diferente". Vamos a um trecho dele:

> *"Enquanto eu escrevia a 'história de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte', a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de idéia: resolvi que eu queria escrever qualquer coisa, eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela."* (p. 93)

Diremos então que Raquel passa por um processo de aprendizagem que será completada com a visita à "Casa dos Consertos", onde ela entra em contato com Lorelai, uma de suas confidentes secretas, apresentada de forma breve já no início do livro.

A "Casa dos Consertos" é uma oficina onde moram e trabalham a Lorelai, seus pais e o avô. Indagada sobre o tipo de vida que levavam, ela respondeu:

> *"...todo dia tem hora de resolver coisa. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; ou estudar mais do que brincar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor.* (p. 100)

Essa é a família que busca a convergência de opiniões, animada por princípios que respeitam os direitos e deveres de cada membro, até mesmo os de uma criança, como a Lorelai, para surpresa de Raquel:

> *"- Você também pode achar?*
> *-Claro! eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo mundo acha igual.*
> *- Mas pode?*
> *- Por que é que não pode?*
> *Aí o relógio bateu outra vez. O pai ficou ainda mais animado e gritou:*
> *- Almoço! A comida tá pronta. - Abriu o forno, tirou o bolo, perguntou se eu queria comer com eles, eu aceitei correndo."* (p. 100)

Finalmente, Raquel, na busca de alguém para consertar a guarda-chuva, encontra na Casa dos Consertos o equilíbrio familiar, símbolo da sociedade "pluri-vivente".

Raquel percebe que essa família aprendeu a viver em família e com liberdade, ao mesmo tempo. Não teriam lugar ali nem o livre exercício da liberdade, simbolizado pela guarda-chuva, nem a absoluta falta de liberdade, representada pelo Terrível.

Assim, após o êxito na libertação do Terrível e o conserto da guarda-chuva, Raquel foi gradativamente se "descobrindo":

> *"Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal já não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia ser tão legal quanto ser garoto." (p. 109)*

Finalmente, Afonso consegue realizar seu sonho. Associado à guarda-chuva os dois personagens ganham os céus: o primeiro lutará pela liberdade, para que ninguém tenha os seus pensamentos "amarrados"; a segunda, eterna mutante, provará o desejo de ser pára-quedas.

Antes de partir, Raquel e Afonso resolvem soltar pipas na praia:

> *"*[Raquel] *- São duas pipas, você solta uma e eu outra. Aí a gente vê qual que sobe mais. - Preparei dois rolos de linha. - Pronto!*
> [Afonso] *- Pronto o que? Cadê as pipas?*
> *Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.*
> *- Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha.*
> *O Afonso ficou no maior espanto:*
> *- Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?*
> *- Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: 'claro, ué'.*
> *- E a tua vontade de escrever?*
> *- Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar*
> *(...)*
> *O tempo piorou; o céu foi ficando cheio de nuvem escura.*
> *Toca a dar linha [na pipa], toca a dar linha, minhas vontades já estavam tão longe! A gente ficou olhando para elas. Nem viu a linha chegar no fim e ir embora também.*
> *O vento soprou mais forte. As pipas abanaram o rabo e sumiram atrás das nuvens. Ficamos esperando um tempão. Mas elas não apareceram mais."* (p. 113-4)

Enfim, o livro ***A Bolsa Amarela*** não deve ser colocado nas mesmas fileiras em que se encontram muitos dos livros infantis: ao contrário do que pode parecer, ele está acima da discussão sobre lições morais nos livros infantis; essa dicussão é suplantada pelos seus valores literários. Além disso, ele explora idéias que costumam aparecer como chavões: acionar a criatividade da criança é abrir espaço para que ela produza seus próprios meios de entender o mundo. Pode-se dizer, no entanto, que aquilo que se chama de chavão está muito associado à repetição de uma mesma forma, de um mesmo padrão na formulação de um conceito. E aí está o valor literário dessa obra: essas idéias no

livro adquirem uma densidade que foge aos padrões do chavão. Raquel, uma personagem espessa, aprende não através da relação clássica entre a pergunta e a resposta. Observe a fala de Raquel: "fiquei pensando uma pergunta" (p. 39). Esse é um dos momentos em que o chavão se dilui, e a literatura emerge, como uma nova magia.

Referência Bibliográfica

NUNES, Lygia Bojunga. *A Bolsa Amarela*. 9. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1983.

A LINGUAGEM POÉTICA DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Ana Lúcia Maria de Souza[*]

I - Considerações Iniciais

Lygia Bojunga Nunes, escritora de renome dentro e fora do país, já teve sua obra estudada sob vários aspectos: estrutura ficcional, nível temático, nível dos valores ideológicos, construção dos personagens, etc. Entretanto pouquíssimas vezes foi observado na obra desta escritora a riqueza poética com que ela tece suas estórias repletas de originalidade. Diante disto, o presente trabalho tem por intenção ressaltar alguns elementos poéticos recorrentes na prosa de Lygia Bojunga. Para tanto, foram observados os seguintes livros da autora: Os colegas (1972); Angélica (1975); A bolsa amarela (1976); A casa da madrinha (1978); Corda Bamba (1979); Tchau (1985) e Meu amigo pintor (1978).[1]

Pela inovação na linguagem de estereótipos literários e sociais, crítica às injustiças sociais, ênfase na necessidade vital de liberdade de pensamento e alta valorização do imaginário, da fantasia, a obra de Lygia Bojunga recebeu inúmeros prêmios: Os colegas (Prêmio jabuti de literatura infantil); Angélica (considerado em 1975 "O melhor para a criança" pela Fundação Nacional do livro infantil e juvenil da (FNLIJ)); A bolsa amarela (recebeu o Láurea "O melhor para a criança" da FNLIJ e em 1978 foi indicado pela mesma entidade para "Lista de Honra" da IBBY - Internacional Board on Books for Young People); A casa da madrinha (em 1985 recebeu o prêmio Literário Flautista de Hamlim, comemorativo dos 700 anos dessa cidade); Corda Bamba (considerado "altamente recomendável para jovens?"); Tchau (considerado o melhor para o jovem pela FNLIJ); Meu amigo Pintor (Adaptado pela própria autora para o teatro com o título "O pintor", é montado em 1985 e recebe dois prêmios "Moliére" concedidos pela Air France aos melhores espetáculos - o de texto dado a Lygia Bojunga Nunes e o de incentivo ao teatro infantil dado a Bia Lessa). Em 1982 pelo conjunto de sua obra, Bojunga recebeu o prêmio internacional "Hans Christian Andersen".

II - O contar poético de Lygia Bojunga Nunes

Lygia Bojunga assim como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colassante, Bartolomeu Campos de Queirós e muitos outros, conseguiu através de obras extremamente inovadoras (caracterizadas por uma linguagem poética associadas a uma visão crítica do mundo) romper com o "discurso utilitário", que imperava desde o surgimento da literatura infantil no século XVIII, apresentando uma literatura que Edmir Perrotti denominou "discurso estético".[2]

---

[*] Profª de primeiro grau menor e estudante de LETRAS na UFPB - CAMPUS II.

O discurso estético de Bojunga caracteriza-se por uma magia, por uma suavidade que prende o leitor da primeira à última página de seus livros. Esta magia é criada a partir de uma linguagem "oralizante, culta, sugestiva, ágil e descontraída que Lygia vem utillizando desde o seu primeiro livro (e aperfeiçoando de título... para título...)".[3]

Este caráter de sugestividade da obra de Lygia Bojunga está presente nos próprios títulos dos livros da autora: A bolsa amarela (a cor amarela como uma sugestão da imaginação fértil da menina Raquel, personagem principal da estória que guarda na bolsa amarela todo o seu universo imaginário). Vejamos:

"Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não" (A bolsa amarela, p.28).

A casa da madrinha (lembrando um pouco a idéia de fada madrinha - aquela que ajuda, que protege. A casa da madrinha pode ser lida como o lugar mágico onde todas as fantasias podem ser realizadas). observamos:

"E o armário sempre com comida, e o outro sempre com roupa, e o porão cheio de coisa pra brincar, e a cadeira se espichando toda para ele tirar uns cochilos, acordando de vez em quando só para ouvir a chuva caindo lá fora". (A casa da madrinha, p. 52)

Corda bamba (a corda do trapézio simbolizando tanto a memória da menina Maria que foi rompida com a queda e morte dos pais durante um espetáculo no trapézio, como o cordão umbilical que liga a personagem a seus pais). Vejamos:

"Maria acordou na hora certinha: estava recém clareando. Abriu a janela sem fazer barulho, olhou tudo em volta: ninguém. Pegou o arco e saiu pro calçadão" (Corda bamba, p.63).

"Márcia e Marcelo estavam segurando a criança que tinha acabado de nascer. Maria espichou o pescoço, louca pra ver. Louca pra se ver. Quis gritar "nasci! o bebê no barco sou eu!", mas a emoção era tão grande que o grito não saiu. (Corda bamba, p.80).

Esta sugestividade na obra de Lygia Bojunga revela-se através de uma variada gama de recursos estilísticos articulados à riqueza e originalidade de metáforas surpreendentes".[4]

***criação de neologismos a partir de combinações novas de elementos da língua:**

"Não foi a fala que enguiçou, foi a história. Enguiçou junto com o estalo. Só quando o estalo **desestalar** é que a história desestala também, quer dizer continua até o fim" (A bolsa amarela, p.52).

"Diziam que vira-latice pegava: era só bater muito papo com um vira-lata pra gente ir se **viralatando** também".(Os colegas, p.65)

"Angélica olha aqui o ovo onde você nasceu. Achei que era melhor trazer de volta pra você **desnascer**. (Angélica, p.62).

***emprego de palavras compostas que segundo Sandroni é de "inspiração nitidamente Lobatina":**

"parado-que-nem-bobo-sem-fazer-nada" (**Angélica, p.77**)
"...que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha"(**A bolsa amarela, p.53**).

***Animização de objetos e animais:**

"O fecho falou um tlique bem baixinho com todo o jeito de certo" (A bolsa amarela, p.29).

"Fiquei danado. Subi no poleiro e berrei: não quero mandar sozinho!..." (**A bolsa amarela, p.36**).

***A fantasia criada a partir de imagens extremamente originais:**

" Mas aquele vermelho que caiu lá na frente só pode ter sido um pingo de... de coisa que também doeu em você" (**Meu amigo pintor, p.53**)

"Todo o mundo ficou parado sem exergar coisa nenhuma. Mas depois o sol fez um rasgão na névoa, entrou e foi empurrando o nevoeiro embora..."(**Corda bamba, p71**)

"Agora a manhã vai alta, e o carnaval - impaciente faz um barulho danado lá fora" (**Os colegas, p.28**)

"Um sonho quieto, que não deixava o lago mexer nenhum pedacinho dele. A água então ficava valendo de espelho" (**Angélica, p.10**).

***Emprego frequente de onomatopéias:**

"...Aconteceu uns troços que chateiam a gente, que a gente **plim!** desliga, esquece" (**Corda bamba, p.20**)

"... Eu não peso nada ... E é bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, **Plim!** dou uma espetada nela" (**A bolsa amarela, p.36**).

"Toque, toque, bateram na porta outra vez" (**Angélica, p.39**)

"Mas não é ah sim! Ele se chamava um ah gritando com força. Assim, ó: Aaaaaaaaaaaah! (**A casa da madrinha, p.76**)

***Expressividade na grafia das letras com o intuito de enfatizar certas palavras e ou expressões:**

"...e onde tinha escrito "eu estou chateado" ele botou dois pontos e rabiscou bem grande: VOCÊ NÃO OLHA PRA MIM!" (**Meu amigo pintor, p.35**)

"Hoje finalmente eu tomei a decisão de acabar o meu livro o aviso não me interessa mais. Se essa é a minha pai..."(**A troca e a tarefa - Tchau**)

***Emprego de rimas:**

"Botou correio, botou pulgueiro, aumentou a horta, e quando foi aumentar o mar, não deu lugar"(**Corda bamba, p124**)

"Fiz que nem na poesia: transformei o Omar no mar. Tem mar tão bom de olhar. E inventei uma ilha para botar nele: uma ilha pra eu ir lá morar: de praia de areia fininha, onde o mar chegava a toda hora. E fui inventando uma porção de coisas pra acontecer na ilha" (**"A troca e a tarefa" - Tchau, p.57**).

Tudo na vida tem jeito meu compadre
Só sê inguinorante é que num dá pé
num só a gente vive naquele vinagre"
como só pode fazê o que os outros qué (**Os colegas, p.54**).

***Emprego de aliterações:**

"O pavão ficou com uma porção de pedaços de linha pendurados lá dentro do pensamento dele. Às vezes, o pensamento se enredava nos fiapos, ficava preso, não conseguia passar, e aí o pavão só ficava pensando a mesma coisa, só fiz até o pensamento desenredar" (**A Casa da Madrinha, p. 27**)

***Apelo às cores, à luz e ao movimento:**

"Experimentei pintar uma aquarela; pintar com tinta a óleo eu também quis; pintar de qualquer jeito, mas quem diz? Tentei, tentei, cansei; eu só quero virar com letra" (**A troca e a tarefa" - Tchau, p.63**).

"...nunca pensei que silêncio fosse assim tão branco: E aí, sim, eu vi mesmo que o meu amigo tinha morrido e que branco doía mais que preto, o amarelo nem se fala, doía mais que qualquer cor" (**Meu amigo pintor, p.9**).

"...o medo de abrir porta foi embora: até mesmo a porta cinzenta, até a porta vermelha!" (**Corda bamba, p.122**)

"- Olha o céu tá cinzento - o Afonso falou
- compra papel vermelho, vai ficar um bocado bonito no meio de tanto cinza. Comprei, Mas também comprei amarelo: tô sempre achando amarelo genial" (**A bolsa amarela, p.71**).

***Jogo com as palavras**

"Devagrinho com um medo danado de errar, o porco pegou o nome dele e trocou o "c" por um "t"...
o porco então respirou sossegado: agora se chamava porto" (**Angélica, p.16**).

"A escola pra onde levaram o pavão se chamava escola **Osarta** do pensamento. Bolaram o nome da escola pra não dar muito na vista. Mas quem

estava interessado no assunto percebia logo: era só ler Osarta de trás pra frente". (**A casa da madrinha, p.24**)

*** Uso de repetição:**

"Apaguei a lâmpada
não transformei mais nada.
Mais nada
nada" (**"A troca e a tarefa" - Tchau, p.62**)

"- Achei umas bolas de pingue - pongue furadas!
- Achei umas escovas de dente velhas!
- Achei barbante!
- Achei umas penas de galinha
- Achei bola de gude!
- Achei caixa de sapato vazia!
tudo servia" (**Os colegas, p.24**)

*** O emprego de símbolos que segundo Sandroni tem como função "satisfazer o "eu" por meio de uma transformação do real em função dos desejos..."**
O barco (símbolos de liberdade)
"O barco andou mar à beça, e quem gostou foi a linha forte: ela adorava viajar, e era um tal de ver ilha, de ver porto, de ver peixe, de ver coisa que só vendo". (**A bolsa amarela, p. 89**).
"Eles engrenaram bem o pescador e o barco. Um sabendo o jeito do outro. Os dois sentindo juntos a hora certa de esperar o peixe, de arrastar a rede" (**Tchau, p.71**).
"No barco tinha um homem chamando ela. Ela foi. E conforme ia indo pela ponte, ia crescendo, crescendo, virando moça, quando encontrava com o homem já tinha virado mulher" (**Corda bamba, p.124**)

O Cavalo ah!: A bolsa amarela e a Casa da madrinha (símbolos do imaginário, da fantasia infantil).

"- Vamos andar a cavalo?
- Onde é que tem cavalo?
- A gente inventa um,
- Então tá. Como é que ele vai ser?
- Ele podia ser amarelo com rabo cor de laranja". (**A casa da madrinha, p. 76**)

"Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro...Abri um zipe; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zipe; escondi mais fundo minha vontade de escrever;..." (**A bolsa amarela, p.29**).

III - CONCLUSÃO

Ao lermos um livro de Lygia Bojunga, é impossível não nos sentirmos completamente envolvidos e encantados com a maneira singular com que esta escritora aborda problemas tão sérios como "a perda dos pais", "a miséria", "o abandono", "a solidão", "a impotência diante da morte", "o desnível sócio-econômico entre seres que se amam", "a incompreensão dos pais em relação aos filhos", "a repressão da escola" e muitos outros, sem que suas estórias percam o encanto e o lirismo sempre tão presentes.

Desta forma, Bojunga consegue produzir uma literatura que, se assemelhando ao mundo "infantil", funde realidade concreta (por mais problemática que seja) com o mundo dos sonhos, mostrados neste trabalho, e de um humor sutil e inteligente com que a escritora tempera suas estórias.

NOTAS

[1] E o fato de não termos observado as obras Livro, nós três e Sofá estampado, também de Lygia Bojunga, foi em decorrência de não termos tanta intimidade com elas como temos com as que foram escolhidas.

[2] PERROTI; Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone, 1986.

[3] COELHO, Nelly Novaes. O sofá estampado IN Ensaios de semiótica: cadernos lingüistícos e teoria da literatura, número 18-20, Belo Horizonte, 1987/1988.

[4] SANDRONI, Laura. De Lobato a Bonjuga (As reinações renovadas). Rio de Janeiro: Agir, 1987.

BIBLIOGRAFIA

1. COELHO, Nelly Novaes. O sofá estampado IN Ensaios de semiótica: cadernos lingüistícos e teoria da literatura, número 18-20, Belo Horizonte, 1987/1988.

2. PERROTI; Edmir. O texto sedutor na literatura infantil. São Paulo: Ícone, 1986.

3. SANDRONI, Laura. De Lobato a Bonjuga (As reinações renovadas). Rio de Janeiro: Agir, 1987.

GIRASSOL OU GIRALUA?

*Ana Paula de Brito e Maria Rejane A. Tito**

Para Glória Maria Filho, a poesia é um dos meios de se criar novas linguagens e de se respeitar o mundo da criança, que tem uma lógica particular e característica. A apreensão do mundo pela criança é emocional e globalizante, por isso a poesia com sua linguagem condensada e emotiva, sensibiliza-a de maneira bastante intensa.

A poesia transgride as normas objetivas e racionais, institui uma nova lógica, que se aproxima do ilogismo infantil. Escrever poesias para crianças é, então, um desafio à sensibilidade do poeta.

Elias José, professor, ficcionista e poeta, mineiro de Santa Cruz da Prata, aceitou o desafio e escreveu vários livros de poesia infantil. Entre eles: Caixa mágica de surpresa; Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores; Namorinho no portão; Um rei e seu cavalo de pau.[1]

"Os poemas de Elias José revelam um certo lirismo cotidiano, refletem conteúdos e comportamentos humanos. Mostram instantâneos da realidade, como se o poeta tirasse 'flashes' da vida, em tudo que ela oferece de bom e belo, mas também de difícil e triste, Cada poema é uma espécie de minicrônica rimada, um pedaço do real que vai compondo o conjunto da obra, através dela, o poeta lança uma canção de amor à vida e à natureza."[2]

Os sons, o ritmo e as imagens devem compor uma identidade única em cada poema, como podemos comprovar em "O Girassol", poema integrante do livro Um pouco de tudo..., que se destaca pelo valor estético que possui e por resistir a uma leitura mais atenta.

Trabalharemos, a seguir, os sentidos possíveis que o poema "O Girassol" pode assumir. Para esse trabalho, não seguiremos nenhum esquema rígido, destacaremos elementos que nos parecem mais significativos. Antes, passemos à leitura do poema.

O GIRASSOL

O girassol de minha rua,
numa noite sem dormir,
numa noite muito escura,
viu a lua a sorrir.

O girassol ficou gira
e gira, gira que gira,
mas de noite, não de dia:

O sol, com tanta luz,
já não o seduz.
Vive quieto o dia inteiro
muito triste e cabreiro.

*Estudantes de LETRAS na UFPB.

À noite ele se encanta,
enfeita-se, dança e canta.
E a lua também enfeitiçada
faz caprichos de namorada.

O girassol de minha rua
agora virou giralua.

O poema possui um ritmo dinâmico e chamativo, conferido pela utilização de rimas, aliterações de m, n, r e assonâncias em an, in, um, om, en, an, espalhadas por todas as estrofes, jogo lúdico com a palavra "gira", utilizada como prefixo ("girassol", "giralua"), adjetivo ("ficou gira") e verbo ("gira que gira"), que dinamiza o ritmo do poema, lembrando o movimento rotativo da flor girassol.

Duas realidades distintas (e porque não opostas?) são aproximadas no poema: SOL e LUA (DIA E NOITE), predominando o elemento noturno que confere uma ambientação sugestiva ao poema. A noite representa o mistério, o feitiço, denota a descoberta da paixão, a sedução...

O girassol tem na alma o sol e acompanha sua trajetória com o movimento de rotação. Aos poucos esta realidade se inverte e a flor é seduzida (e também seduz) pela lua. O sorriso da lua faz com que o sol vire giralua:

"O sol, com tanta luz,
já não o seduz.

À noite ele se encanta,
enfeita-se, dança e canta".

A mudança ocorrida com a flor denota uma projeção do "eu lírico", talvéz até do homem, de maneira geral, na imagem do girassol. Todo ser humano é possível de mudanças físicas e morais.

O uso do pronome "minha", adjetivando o substantivo "rua" reforça a idéia descrita acima, pois confere ao poema um caráter pessoal, havendo uma identificação entre o "eu lírico" e o girassol. Ambos capazes de sofrerem transformações internas ou externas no decorrer do tempo, como a passagem do dia para a noite e vice-versa.

Aquilo que é tradicional, convencional, como o movimento do girassol, foge à regra e muda devido a um simples gesto, um sorriso. Lembrando a idéia de liberdade cultivada pelo homem, a busca do "novo", do diferente, à fuga das convenções:

"O girassol de minha rua
agora virou giralua".

Devemos destacar, ainda, a personificação do sol e da lua, através de imagens:

..."a lua a sorrir"...

"E a lua enfeitiçada
faz caprichos de namorada"

"O sol, com tanta luz
já não o seduz".

A mudança de girassol para giralua aponta também para o lado amoroso do ser humano. Quando alguém se apaixona, fica de certa forma, encantado, "fica gira". A lua seduz e é também enfeitiçada, transformando-se em namorada (ELEMENTO FEMININO). O girassol (ELEMENTO MASCULINO) envolve-se com o sorriso da lua e muda seu percurso rotineiro para virar giralua.

Enfim, o poema "O girassol" além de encantar pelo jogo lúdico, também deixa-nos uma mensagem bonita, sem moralismos, nem ensinamentos forjados.

NOTAS

[1] Vide bibliografia: número 04 e seguintes
[2] Vide bibliografia: número 02

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA FILHO, Hildeberto. "A Poesia e a Criança". In Revista Ler - outubro, 1993 - nº 08.

Guia de Leitura - Ciranda de livros - Vol 02 - Fundação Nacional do Livro, Rio de Janeiro, S/N.

KHEDE, S. Salomão (org). Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico: 2ª edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1990.

JOSÉ, Elias. Um pouco de tudo: de bichos, de gente de flores. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

_____. Caixa mágica de surpresa. 7ª edição. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. Segredinhos de amor. São Paulo: Moderna, 1991

_____. Namorinho de Portão. São Paulo: Moderna, 1989.

_____. Um rei e seu cavalo de pau. São Paulo: FPB, 1986 (poesia narrativa).

ROTEIRO DE AULA

*José Hélder Pinheiro Alves**

Nosso objetivo é apontar algumas possibilidades de aproveitamento do poema em sala de aula. Cada professor(a) poderá lançar mão apenas de algumas sugestões feitas, sem se prender, portanto, ao roteiro como um todo.

Optamos por apresentar as sugestões tropicalizadas por se tratar de um roteiro não de uma reflexão ou de um relato de experiências.

01. Poema: "O Girassol", de Elias José
(Vide artigo "Girassol ou Giralua")

02. Objetivos:

2.1 - Estimular a prática de leitura do poema;
2.2 - Possibilitar o acesso dos alunos a um poema de valor estético comprovado (veja-se o estudo de Ana Paula e Rejane Tito, p. 23.
2.3 - Estimular a sensibildade poética;
2.4 - Desenvolver a criatividade a partir de linguagem poética.

03. Procedimentos didáticos:

3.1 - Conversa inicial com os alunos sobre o girassol: suas características, o porquê de seu nome e outras curiosidades;
3.2 - Indagar se conhecem alguma música ou poesia que fale do girassol - se conhecem, pedir que apresentem;
3.3 - Distribuir o poema e solicitar que façam uma leitura silenciosa - ou mais de uma;
3.4 - A seguir, a professora fará uma leitura oral - esta leitura deverá ser muito bem treinada;
3.5 - Pedir que comentem livremente o poema - sobretudo, que leiam os versos de que mais gostaram;
3.6 - Sugerir que façam, em grupos de quatro ou cinco alunos, um jogo dramático[1] baseado no poema;
3.7 - Roteiro possível para o jogo dramático (o professor só deverá sugerir passos do jogo se os alunos não forem acostumados a esse tipo de atividade):

*personagens:
- lua (sedutora, encantadora, etc);
- sol (sério, talvez um pouco triste);
- girassol;
- outros girassóis.

---

* *Prof. de Literatura Brasileira CAMPUS II-UFPB:CH:DL*

* cena - a lua passando e sendo vista de relance pelo girassol;
- uma paquera, toda através de mímica entre os dois (talvez com uma dança da lua ?);
- conversa entre os outros girassóis - são a favor daquela mudança? são contra? o que discutem?
- o girassol abandonando o grupo e seguindo a lua;

3.8 - Atividade final:
- todos cantam o poema "O Girassol", de vinícios de Moraes:

O GIRASSOL
Sempre que o sol
Pinta de anil
Todo o céu
O girassol
Fica um gentil
Carrossel.

O girassol é o carrossel das abelhas
Pretas e Vermelhas
Ali ficam elas
Brincando, fedelhas
Nas pétalas amarelas.

- Vamos brincar de carrossel, pessoal?

- " Roda, roda, carrossel
Roda, roda, rodador
vai rodando, dando mel
vai rodando, dando flor"

- Maribondo não pode ir que é bicho mau!
- Besouro é muito pesado!
- Borboleta tem que fingir de borboleta na entrada!
- Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

- " Roda, roda, carrossel
Gira, gira, girassol
Redondinho com o céu
Marelinho como o sol".

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.

3.9 - Atividade de expressão escrita (para quem quiser fazer em casa):

* Uma carta de "Giralua" para seus antigos companheiros. Como se encontra na nova vida? quais as descobertas q tem feito? etc.

04. **Público alvo**:

Aluno de 3ª à 4ª série do primeiro grau. Alguns procedimentos indic poderão ser aproveitados tanto em turmas de séries menores ou maiores.

NOTAS:

[1]Sobre o jogo drámatico veja-se: SLADER, Peter. O Jogo drámatico in (Tradução: Belinky). São Paulo. Summus Editorial, 1978.

CONSTRUINDO A ALEGRIA DE LER

José Hélder Pinheiro Alves[*]

A escola deveria ser um local de alegria para os alunos e também para os professores. Na realidade eu me ocuparei quase que somente dos alunos; contudo privilegiar a alegria dos alunos já seria contribuir bastante com os professores.
Georges Synders (1)

Inúmeras vezes, em cursos de literatura infantil e juvenil, pequenos seminários de literatura ou rápidos encontros com professores de português, somos inquiridos sobre o "como fazer" ou o "que fazer" com o texto literário em sala de aula. Estas duas perguntas se tornam mais dramáticas quando o texto a que se referem é um poema.

A debilidade de nossa formação metodológica, aliada a um conhecimento reduzidíssimo de obras literárias, torna o ensino da literatura uma tarefa problemática, cheia de vícios, lacunas e, consequentemente, enfastiante para alunos e professores.

O campo da "teoria da literatura infantil" tem contribuído com reflexões e pesquisas que muito auxiliam na formação do professor de literatura. Muitas vezes, baseados nessas leituras, temos até uma noção do "que fazer" e, sobretudo, do que não fazer. Quanto ao "como fazer", parece-nos que o medo de "criar receitas" tem inibido a publicação de virtuais experiências significativas. Esquecemos, talvez, que todos os professores, de uma forma ou de outra, iniciamos nossas aulas mirando-nos em determinados professores que tivemos e repetindo determinados procedimentos didáticos. Quase sempre, portanto, imitamos ou recriamos a experiência alheia. É neste movimento (imitação x recriação) que vamos enriquecendo nossa formação, ampliando o que aprendemos, nos surpreendendo com alguns fracassos e até criando novos modos - ou dando novas tonalidades - de conduzir a experiência com texto literário em sala de aula.

Sempre me agradou ouvir e ler sobre o modo como outras pessoas estão trabalhando - saber das dificuldades, dos acertos, das reações dos alunos. A vivência alheia pode nos ser útil no sentido de nos dar uma base concreta, palpável, que nos guie sobretudo quando estamos nos iniciando no magistério.

Leio com satisfação o rico trabalho da professora Vânia Maria Resende, **Literatura Infantil & Juvenil: Vivências de Leitura e Expressão Criadora**.(2) O livro, dividido em três partes, é assim apresentado pela própria autora: Parte I: "demarca uma reflexão voltada sobretudo ao conceito de leitura;" Parte II: "Reunem-se aqui relatos de vivências criativas variadas, envolvendo textos

[*] Professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na UFPB-Campus II

literários e outras linguagens (folclore, teatro, histórias quadrinizadas, música, etc) numa relação com a linguagem literária." Parte III: "encerra aspectos teóricos, que tratam de uma fundamentação em termos de conceitos, análises, referências que passam pela ficção, poesia, teatro, histórias em quadrinhos e leitura de um modo geral."

Quero elucidar, de forma concisa, alguns valores que encontro neste livro. Chama a atenção, de maneira geral, a quantidade e a qualidade das experiências relatadas. São experiências realizadas em turmas de pré-escola, 1º e 2º graus, com alunos de diferentes poder aquisitivo.

O segundo valor está na diversidade de gêneros literários de que lança mão, construindo um diálogo fecundo com outras linguagens artísticas, como a autora já nos apontou.

Nesta obra o leitor encontrará um verdadeiro tesouro de relato de experiências com a poesia. Detenho-me nesta constatação porque, em geral, as experiências com poesia são limitadas - tanto em quantidade quanto em qualidade. Os professores têm inúmeras dificuldades de trabalhar com poemas. No livro de Vânia, além das várias referências à poesia no corpo da obra, um item na parte II denominado "A poesia no 1º e 2º graus" e outro na parte III: "Apreciação poética: sintonizar-se para fruir". Este último item, apenas para se ter uma idéia, conta cerca de 20 ricas sugestões de abordagem apreciativa do poema em sala de aula.

A mesclagem de textos é outro valor do trabalho: encontramos poemas concretistas, literatura de cordel, poesia intencionalmente feita para crianças, autores como Oswlad de Andrade, tido por muitos com inacessível pelo caráter vanguardista de sua poesia, entre outros tantos.

A diversidade de métodos de abordagem é outro valor da obra. A autora não se detém no tradicional "estudo de texto" (que tem também seu valor) ou na "compreensão de textos". Recursos como dramatizações, adaptações, recriação, invenção a partir do que foi lido, ilustração, debate, criação coletiva, entre outros, perpassam todos os relatos. A música, tão esquecida na escola, recebe aqui tratamento relevante.

Outro valor a ser apontado é o volume de obras literárias com que a autora trabalha, revelando um conhecimento espantoso de nossa produção infantil e juvenil. Temos aqui numa fonte de acesso a obras que sequer sabíamos que existia. Nesta diversidade, há, dentre as que conheço, algumas com que não trabalharia, mas que tocadas pela autora, revelam valores que justificam sua inclusão.

Aponto mais dois valores do livro de Vânia, sobretudo se comparado aos livros didáticos: quando se trata de trabalho com a ficção, a autora não utiliza fragmentos de obras. Elas são lidas na sua totalidade, conforme deduzimos da leitura dos relatos. A riqueza de documentação das experiências é outro valor. Vânia diz como fez e mostra os resultados.

O último, e talvez o mais significativo valor deste livro, é o diálogo essencial e constante entre teoria e prática. As introduções às partes e aos diversos itens revelam que para a autora reflexão e prática andam de mãos dadas. Isto, com certeza, é imprescindível para que o trabalho avance.

Agora quero armar uma ponte entre o que foi dito e o título e epígrafe deste texto. Ó que salta aos olhos no trabalho de Vânia é que a experiência com o texto literário não se faz de modo fatigante, empurrado por imposições curriculares fechadas, ou seja, sua perspectiva é a da leitura como construção de sentidos e, portanto, como uma experiência alegre de descoberta e enriquecimento interior. Alegria partilhada entre alunos, professores e escola, num tripé equilibrado. Um professor, que colhe da experiência de leitura com seus alunos momentos de alegria , é profissional que encontra estímulo para prosseguir, apesar das inúmeras e conhecidas adversidades. A alegria nasce do esforço, do trabalho árduo, da coragem de experimentar.

A mera repetição do que foi feito, sem o toque pessoal, sem o esforço de superação, sem a vontade de forjar um caminho minimamente pessoal, redundará, logo logo em fastio, em repetição mecânica. É necessário sempre aprender com a experiência alheia, mas é preciso torná-la nossa também, algo feito com paixão e entusiasmos. E para tanto é preciso, também, crer que:

"Os adultos têm o que ensinar aos jovens, como ordenar seus sonhos, dominar seus sonhos (o que não significa de modo algum renunciar a eles), ir além de sua história pessoal e das tentações nascidas do nascisismo, esforçando-se para ser objetivos."(3)

NOTAS:

1. SNYDRS, Georges. Alunos Felizes: Reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários. (Tradução: Cátia Aida P. da Silva) Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
2. O livro é editado pela Ed. Saraiva. Pedidos: Av. Marquês de São Vicente, 1697 Barra Funda: São Paulo.
3. SNYDRS, p.

PRÊMIOS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL (FNLIJ)

*Vânia Maria Resende**

Já é tradição nacional a atribuição anual, por parte da FNLIJ, de prêmios, de acordo com algumas categorias, tendo em vista a produção da literatura infantil e juvenil brasileira, a tradução, o livro informativo, e, agora também, revelação-autor, revelação-ilustrador e projeto gráfico.

Na condição de especialista na área de livros para crianças e jovens, participo como votante todos os anos, somando-me a algumas dezenas de profissionais da área, responsáveis pela premiação.

É oportuno dizer que a Fundação existe há quase 30 anos no Brasil, e, sem vínculos governamentais, empreende ao longo desses anos um trabalho sério, em termos de pesquisa, divulgação, publicações, documentação, além de fértil intercâmbio com outros países, promovendo a valorização de livros, autores e ilustradores brasileiros no plano internacional.

A escolha de livros segue critérios bem definidos, reavaliados a cada ano, buscando maior objetividade e coerência nas decisões dos votantes.

Relaciono abaixo alguns dos livros que apresentei na minha relação de votante dos prêmios/FNLIJ para 1993. Apresento, junto ao título, nome do(s) autor(es), da editora e uma breve abordagem da natureza de cada um. Com essa breve apresentação de títulos espero fornecer uma pequena mostra do que se tem produzido, no Brasil, de valioso em nível de livros de **imagens,** livros de ficção para crianças, para **jovens** e de **poesia**. Limitei-me a repassar aos leitores os 35 livros que arrolei nessas quatro categorias. Quem quiser conhecer muito mais de bons livros - premiados ou não premiados -; que vão consolidando o corpo da literatura infantil e juvenil brasileira, terá muita leitura para fazer...

IMAGENS

1º) ***O CAMINHO DO CARACOL***, de Helena Alexandrino - Studio Nobel.

O trabalho de Helena Alexandrino, leve, delicado e equilibrado, se destaca na experiência de contar a própria história da ilustradora, através das imagens que ela criou.

2º) ***GATO VIRIATO***, de Roger Mello - Ediouro.

Com quadros dinâmicos e criativos o ilustrador apresenta o seu livro bastante aberto, feito de histórias surpreendentes.

3º) ***PÊ, O PATO DIFERENTE,*** de Regina Coeli Rennó - FTD.

Abordagem humanizada e sensível de um pato artista, com imagens bem construídas.

---

*Autora dos livros: *Literatura Infantil & Juvenil - Relatos de Experiência na Escola* (Comunicação); *O Menino na Literatura Brasileira* (Perspectiva) e *Literatura Infantil e Juvenil - Vivências de Leitura e Expressão Criadora* (Saraiva).

4°) **CAÇA-FUMAÇA**, de Eva Furnari - Paulinas.
O tema ecológico é tratado com humor e arte, sem moralismo e pieguice.
5°) **O ÚLTIMO BROTO**, de Rogério Borges - Moderna.
O tema ecológico é tratado de maneira forte, com persuassão artística.

CRIANÇA:

1°) **LAYLA**, de Terezinha Alvarenga e Ângela Lago - Muiguilim.
Obra primorosa pela coerência entre o que aborda e a forma de expressão gráfico-visual.
2°) **FOLCLORE DE CASA**, de Ângela Lago - RHJ.
A magia do folclore é passada com dimensão estética e humor, além da realização gráfica também mágica.
3°) **ASA DE PAPEL**, de Marcelo Xavier - FHJ.
Linda Produção que contém a história do livro dentro do livro.
4°) **A MENINA E O VENTO**, de Maria Clara Machado - Bloch
A história de Maria Clara estruturada na forma teatral reaparece agora em estrutura de boa narração, que encerra o domínio de contadora de histórias com sabor de comicidade e irreverência.
5°) **GIRAMUNDA GIRA O MUNDO**, de Mary Weiss - Mercado Aberto.
Equilibrando muito bem sonho e realidade, o livro encontra soluções para sérias questões sociais, afetivas e existenciais no plano lúdico da fantasia infantil.
6°) **UM NATAL QUE NÃO TERMINA**, de Ana Maria Machado - Salamandra.
A mitologia natalina é revista pela perspectiva crítico-social, ganhando também pela expressão gráfica e visual.
7°) **A LETRA N E O NASCIMENTO DA NOITE**, de Ziraldo - Melhoramentos.
Com poesia e criatividade, a história de uma letra ganha força mítica e humana.
8°) **BERIMBAU**, de Raquel Coelho - Ática.
História de profundidade lírica e visual primoroso.
9°) **O ENIGMA DO CAMALEÃO**, de Guto Lins - Ediouro.
O livro é resultado de dois ingredientes fortes: ludicidade e criatividade na concepção das idéias e no aspecto visual.
10°) **QUE PERIGO**, de Mary e Eliardo França - Ática.
A graça, e senso poético e de humor que caracterizam a coleção estão presentes neste livro dos pingos.

JOVEM:

1°) **NEGÓCIOS DE FAMÍLIA**, de Domingos Pelegrini - Ática.
Unindo o trágico e o cômico, o livro expõe, com densidade e estilo próprio do autor, delicadas questões sociais e existenciais.
2°) **A BELA OU A FERA**, de Anna Flora - FTD.
A história questiona com inteligência a abertura, a posição da mulher e as facetas da sua identidade desencontrada (ou encontrada?).
3°) **É DIFÍCIL DE ENTENDER, VÔ**, de Nelson Albissu - Atual.
Retratação comovente das relações humanas e constatação não desalentadora da transitoriedade do ser.

RESENHA

*Janaína Guedes Milanez**

O livro Poesia na Sala de Aula, do professor Hélder Pinheiro, lançado recentemente pela editora Idéia, de João Pessoa, discute problemas relativos ao ensino da poesia. A partir da constatação da ausência do texto poético na escola, do despreparo e insegurança do professor e da ausência de livros que pensem a questão metodológica, o professor nos coloca pontos para reflexão, depoimentos e sugestões no decorrer dos capítulos.

No 1° Capítulo "Poesia na sala de aula Porquê?" Hélder trata da situação da poesia na escola: situação de desprestígio, poucas publicações e desinteresse dos professores, e principalmente faz reflexões sobre a função da poesia, que sem a qual, justifica, "dificilmente o professor se engajará na militância da vivência do poético com seus alunos."

No 2° capitulo "Condições (indispensáveis) para o trabalho com a poesia", o professor levanta pontos necessários à discussão, como o papel do professor como leitor significativo e a importância de uma pesquisa de interesse dos alunos, e, principalmente, aponta uma condição essencial ao trabalho com a poesia: a iniciação da criança no mundo da leitura .Este aspecto nos dá pistas para compreendermos o direcionamento do livro ao ensino de 1° grau. O professor só acredita num trabalho analítico, que parta do exercício cotidiano com a poesia. Assim, o bom desempenho do trabalho com a poesia no 2° grau é conseqüente do trabalho com as séries iniciais.

No capítulo "Sugestões e Experiências", apresenta novas formas de abordagem. Os subtópicos que merecem destaque são respectivamente: "Poesia e jogo Dramático" e "Núcleos Temáticos"

Baseando-se na teoria de Jogo Dramático de Peter Slade, e adaptando-a à poesia, Hélder Pinheiro sugere em "Poesia e Jogo Dramático" uma alternativa lúdica para o trabalho com o poema em sala de aula: "A tentativa de aproximar Poesia e Jogo dramático nasceu da necessidade de oferecer alternativas lúdicas, criativas, que não se prendam ao meramente formal e informativo." A importância do "jogo" no trato com a poesia lhe parece vital: "A Poesia (...) possibilita o prolongamento da capacidade de jogar, de inventar, de recriar a linguagem, de não cimentar a sensibilidade." O capítulo segue com várias sugestões para a realização do Jogo Dramático a partir de poemas.

Outro subtópico riquíssimo deste capitulo é o que trata dos Núcleos Temáticos. Partindo da ausência de livros de poesia, como também da necessidade de um maior aprofundamento dos alunos de 2° grau, Hélder sugere a construção de módulos a partir de Núcleos temáticos. Neste item apresenta exemplos de módulos e procedimentos didáticos, que, enriquecidos pelos professores, auxiliarão no desenvolvimento da experiência de leitura dos alunos.

---

*Estudante de Letras da UFPB, campus II.

No último capítulo, Hélder apresenta sugestões práticas realizadas com seus alunos de 1º e 2º graus, a partir dos livros **Nariz de Vidro**, de Mário Quintana, e **Classificados Poéticos**, de Roseana Murray. Nessas sugestões, levanta pontos essenciais como a experiência pessoal de leitura do professor, e a importância das atividades lúdicas na preparação do trabalho com o texto poético em sala de aula.

Parte imprescindível de leitura em **Poesia na Sala de Aula** é a "Bibliografia Comentada". Além das obras indicadas nas "Notas" do livro, a bibliografia apresenta vinte e oito livros, que em sua maioria tratam de reflexões sobre a poesia e ensino.

Constatada a escassez de livros que pensem a questão metodológica do ensino de poesia, é necessário destacarmos a grande contribuição de **Poesia na Sala de Aula** em relação ao que vem sendo publicado sobre o assunto. Esta contribuição se dá pela dimensão prática, objetiva, relatada através de suas experiências e sugestões, sem contudo abandonar aspectos teóricos importantes, principalmente (em relação) à poesia e ao Jogo Dramático.

Outro aspecto importante do livro é que ele é destinado a um público bastante abrangente: estudantes de Letras e Pedagogia, professores de Língua materna e Literatura das escolas públicas e privadas de 1º e 2º graus e professores e alunos da disciplina Prática de Ensino. Aos primeiros, que vão se deparar com inúmeras dificuldades em sala de aula, aponta saídas. Aos segundos, possibilita uma constante renovação e o repensar sobre sua prática, refletindo inclusive na própria construção de alternativas pelo professor. Aos últimos, propõe uma reflexão sobre as estreitas relações entre poesia e ensino da literatura, sobretudo aos que ainda não estão no exercício profissional.

É desnecessário, portanto, nos estendermos muito na importância do livro para a Universidade, principalmente para o Campus II, em Campina Grande, e o curso de Letras, por sua contribuição como fonte de pesquisa para este curso e o de Pedagogia e pelo incentivo aos alunos interessados em ingressar na área de literatura.